

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados
2002 = 100

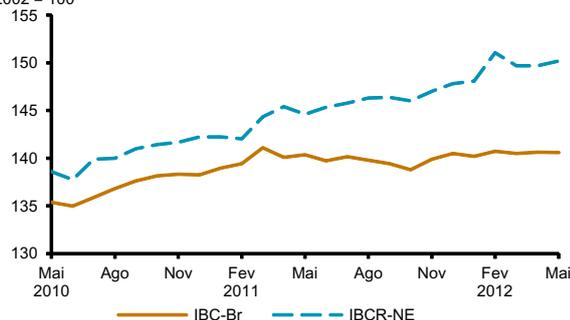


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados
2003 = 100

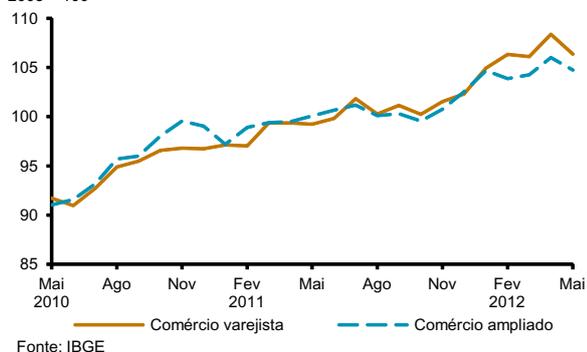


Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011		2012	
		Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	0,3	3,5	2,3	7,5
Combustíveis e lubrificantes	1,1	4,0	4,7	9,8
Hiper e supermercados	-0,7	1,9	3,2	4,3
Móveis e eletrodomésticos	0,2	9,8	-0,1	15,7
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	23,3	-6,1	13,2	-8,6
Comércio ampliado	-0,7	3,5	1,3	5,4
Automóveis e motocicletas	-1,4	4,1	-3,5	0,0
Material de construção	0,2	3,9	5,1	8,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

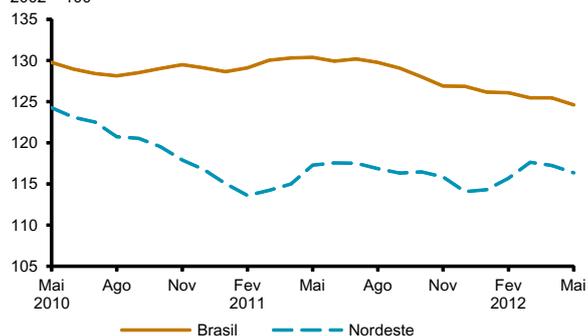
A economia do Nordeste, em linha com o arrefecimento das vendas varejistas e do mercado de trabalho, registrou moderação do ritmo de crescimento no trimestre encerrado em maio. Nesse sentido, IBCR-NE variou 0,6% no período, em relação ao trimestre finalizado em fevereiro, quando havia expandido 1,7%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador cresceu 4,2% em maio, relativamente a igual período do ano anterior.

As vendas varejistas no Nordeste cresceram 2,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando haviam aumentado 3,5%, nas mesmas bases de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. As maiores expansões ocorreram no segmento de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 13,2%, e de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 5%. O comércio ampliado, que incorpora as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção (variações respectivas de -3,5% e de 5,1%), cresceu 1,3% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista da região apresentou alta de 7,5% em maio, em relação a igual período de 2011. Excetuado o recuo de 8,6% nas vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, verificaram-se elevações nos demais segmentos considerados na pesquisa, destacando-se móveis e eletrodomésticos, 15,7%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 13,9%. As vendas de veículos, motos, partes e peças, no Nordeste, permaneceram estáveis, mas o comércio de material de construção aumentou 8%, sempre considerando a variação em doze meses. Assim, o crescimento do comércio ampliado da região, no período, alcançou 5,4%.

A produção industrial na região Nordeste cresceu 0,6% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando recuara 0,1%, no mesmo

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

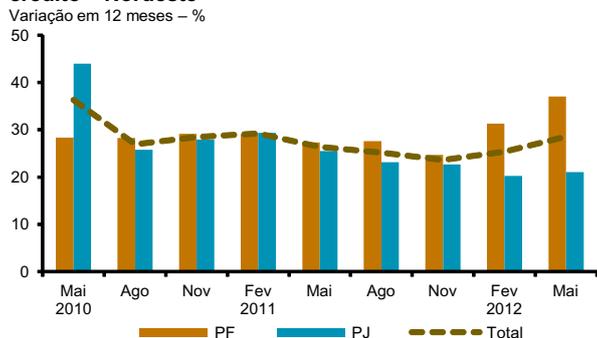
Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,1	0,6	-0,8
Indústria extrativa	6,5	2,1	0,2	-2,1
Indústria de transformação	93,5	0,0	0,9	-0,7
Alimentação e bebidas	30,0	-2,9	0,3	1,0
Química	16,2	-5,6	4,4	9,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.3 – Produção agrícola – Nordeste
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas		Var. % 2012/2011
		Produção ^{2/} 2011	2012	
Produção de grãos		14 599	13 257	-9,2
Caroço de algodão (herbáceo)	4,7	1 033	1 061	2,8
Feijão	5,1	818	367	-55,1
Milho	6,79	5 041	4 586	-9,0
Soja	13,51	6 228	6 342	1,8
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	18,05	72 956	72 300	-0,9
Mandioca	6,73	7 905	7 768	-1,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2012.

tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF, do IBGE. Ocorreram, no trimestre, aumentos em oito das onze atividades pesquisadas, com destaque para vestuário e acessórios, 5,2%; produtos químicos, 4,4%; e extração de minerais não metálicos, 4,1%.

Na comparação do acumulado em doze meses, a produção industrial da região recuou 0,8% em maio, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante declínio de 2% verificado em fevereiro. Por atividades, registraram-se retrações de 2,1% na indústria extrativa e de 0,7% na indústria de transformação.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$262 bilhões em maio, implicando elevações de 7,5% no trimestre e de 28,6% nos últimos doze meses – maior percentual entre as regiões do país. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$131 bilhões, expandindo-se 4,8% e 21,1%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação, com ênfase no crédito destinado às atividades de transmissão e distribuição de energia elétrica, à indústria química e ao setor da construção civil. Os créditos às pessoas físicas totalizaram R\$131 bilhões, alta de 10,4% no trimestre e de 37% em doze meses, com destaque para as modalidades de crédito consignado, financiamento a veículos e empréstimos habitacionais.

A inadimplência atingiu 4,3% no trimestre encerrado em maio, elevando-se 0,1 p.p. em relação à verificada em fevereiro e 1 p.p. em doze meses. O aumento da inadimplência no trimestre refletiu, em parte, o aumento da participação do segmento de pessoas físicas no crédito total, que apresentou maior inadimplência em maio, 6,2%, ante o registrado para pessoas jurídicas, 2,5%.

A safra de grãos da região deverá totalizar 13,3 milhões de toneladas em 2012, recuo de 9,2% no ano, de acordo com o LSPA do IBGE, reflexo da estiagem ocorrida em diversos estados nordestinos. Dentre os principais produtos, ressaltou-se a redução de 55,1% na produção de feijão, com recuo de 41,5% na área colhida, e de 9% na produção de milho, declínio de 26,9% na área colhida. Por outro lado, como decorrência do incremento na produção dos estados do Piauí e do Maranhão, registrou-se crescimento de 1,8% na produção de soja.

Nas demais lavouras, estimam-se reduções respectivas de 0,9%, 1,7% e 3,5% nas produções de cana-de-açúcar, mandioca e banana, importantes produtos cultivados na região.

O saldo da balança comercial da região registrou déficit de US\$3,6 bilhões no primeiro semestre de 2012 em comparação ao déficit de US\$1,9 bilhão em igual período do ano anterior, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações aumentaram 7,9%, atingindo US\$9,1 bilhões, enquanto as importações, que somaram US\$12,7 bilhões, cresceram 23%. Como resultado, a corrente de comércio da região passou de US\$18,8 bilhões para US\$21,9 bilhões no período.

As exportações, com variações de 8,1% no *quantum* e de -0,2% nos preços, foram impactadas pelas elevações de 21,6% nas vendas de produtos básicos, com ênfase no aumento de 60,7% nos embarques de soja, procedentes, principalmente, da Bahia, 59,7% do total.

Para os produtos industrializados, ressaltou-se o aumento de 17,5% nas exportações de manufaturados, sensibilizadas pela exportação de plataformas de perfuração ou de exploração e dragas para a Holanda, pelo estado de Pernambuco. Essa operação representou transferência de propriedade do bem exportado, com imediato aluguel do equipamento para utilização nas atividades de exploração e produção de petróleo no país.

Em sentido contrário, as exportações de produtos semimanufaturados recuaram 12,1%, destacando-se as contrações nas vendas de açúcar de cana em bruto, 17,9%, e de pastas químicas de madeira, 8,5%. As exportações destinadas aos Estados Unidos, Holanda, China, Argentina e Antilhas Holandesas representaram, em conjunto, 47,8% das vendas da região.

O crescimento registrado nas importações da região Nordeste no primeiro semestre resultou de variações de 25,1% no *quantum* e de -1,6% nos preços. A evolução das importações traduziu o impacto das elevações nas compras de combustíveis e lubrificantes, 91,3%, com aumento de 78,3% nas compras de óleo diesel, principal item da categoria. Nas importações relativas a bens de consumo houve incremento de 18,1% nas aquisições de bens duráveis, com ênfase no aumento de 15,5% em automóveis de passageiros; enquanto as importações de bens de consumo não-duráveis cresceram 15,7%.

As compras de bens de capital recuaram 6,8%, no período, impactadas pelo decréscimo de 81,7% no segmento de caminhões guindastes e de 0,9% no de bens intermediários. No semestre, os principais mercados de origem das importações foram Estados Unidos, Índia –

Tabela 2.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	8 459	9 130	7,9	-0,9
Básicos	1 731	2 105	21,6	-0,6
Industrializados	6 729	7 026	4,4	-1,2
Semimanufaturados	2 967	2 607	-12,1	-5,8
Manufaturados ^{1/}	3 762	4 419	17,5	0,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.5 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	10 342	12 726	23,0	4,5
Bens de capital	1 601	1 493	-6,8	5,6
Matérias-primas	5 155	5 111	-0,9	0,4
Bens de consumo	1 000	1 174	17,4	5,0
Duráveis	720	850	18,1	-0,4
Não duráveis	280	324	15,7	13,0
Combustíveis e lubrificantes	2 586	4 948	91,3	14,6

Fonte: MDIC/Secex

concentradas em óleos combustíveis – China, Argentina e Holanda, responsáveis, em conjunto, por 49,8% das compras da região nos primeiros seis meses de 2012.

Tabela 2.6 – Evolução do emprego formal – Nordeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011			2012	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	-1,9	127,0	139,4	-44,9	-28,7
Indústria de transformação	-51,2	34,6	59,5	-31,2	-59,0
Serv. ind. de utilidade pública	1,1	1,6	0,2	0,1	0,1
Construção civil	10,2	17,0	13,7	-7,3	6,8
Comércio	6,9	13,8	34,1	-3,1	4,9
Serviços	27,0	30,9	36,8	17,8	20,5
Agropecuária	3,5	28,1	-5,5	-21,2	-2,9
Outros ^{2/}	0,6	1,0	0,6	0,0	0,9

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

De acordo com estatísticas consolidadas no Caged, do MTE, foram eliminados 28,7 mil empregos formais na região Nordeste no trimestre encerrado em maio, ante 1,9 mil em igual período do ano anterior. Tal resultado refletiu, em especial, o menor dinamismo da indústria de transformação e da agropecuária, responsáveis, em conjunto, pela eliminação de 62 mil postos de trabalho. Ressalte-se a criação, nos setores da construção civil, do comércio e dos serviços, de 32,2 mil postos de trabalho no período.

Considerados dados dessazonalizados, o nível do emprego formal cresceu 0,8% no trimestre encerrado em maio deste ano, em relação ao terminado em fevereiro. Ocorreram aumentos em sete das oito atividades pesquisadas, com ênfase no setor de serviços e na atividade extrativa mineral, ambos com expansão de 1,1%.

Tabela 2.7 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2011	2012		
		Ano	I Tri	II Tri	Ano
IPCA	100,0	6,35	1,27	1,18	2,46
Livres	77,6	6,65	1,32	1,08	2,41
Comercializáveis	41,0	4,49	-0,47	0,37	-0,10
Não comercializáveis	36,5	9,07	3,32	1,86	5,24
Monitorados	22,4	5,62	1,10	1,50	2,62
Principais itens					
Alimentação	26,1	6,51	1,02	2,54	3,59
Habitação	13,9	6,71	2,03	1,89	3,97
Artigos de residência	5,2	2,55	-0,36	-1,50	-1,85
Vestuário	7,9	10,39	-1,14	0,70	-0,44
Transportes	18,8	4,78	0,84	-1,00	-0,17
Saúde	10,9	4,91	1,39	2,03	3,45
Despesas pessoais	8,5	9,98	2,82	2,62	5,52
Educação	4,2	7,99	6,88	0,37	7,27
Comunicação	4,5	1,51	-0,36	0,18	-0,19

Fonte: IBGE

^{1/}Referentes a junho de 2012

A inflação, medida pelo IPCA atingiu 1,18% na região Nordeste no trimestre encerrado em junho, ante 1,27% no finalizado em março, com menor variação dos preços livres, 1,08% ante 1,32%; e maior dos monitorados, 1,50% ante 1,10%.

O comportamento dos preços livres, no trimestre, refletiu a variação de 1,86% nos preços dos bens não comercializáveis, ante 3,32% até março, decorrente, em grande parte, das reduções registradas nos preços de passagens aéreas, 8,90%, e de pescados, 3,90%, que contrabalançaram aumentos verificados em feijões, farinha de mandioca e tubérculos, raízes e legumes. Os preços dos bens comercializáveis registraram alta de 0,37%, após recuo de 0,47% no trimestre anterior, influenciado pelos aumentos nos preços de cigarros, 20,41%, e etanol, 5,01%.

Em relação aos preços monitorados, a alta de 1,50% no segundo trimestre esteve associada, principalmente, ao reajuste de 8,30% nas taxas de água e esgoto nas regiões metropolitanas de Fortaleza e de Salvador; de 4,57% nas tarifas dos ônibus urbanos da região metropolitana de Salvador; de 2,54% em produtos farmacêuticos; e de 1,81% nas mensalidades dos planos de saúde.

O índice médio de difusão do IPCA, sinalizando maior disseminação dos reajustes de preços na região, atingiu 59,7% no trimestre encerrado em junho, ante 55,4% no finalizado em março.

A evolução dos preços em doze meses evidencia desaceleração do IPCA que variou 5,30% até junho, comparativamente a elevação de 5,44% até março. Os preços livres apresentaram alta de 5,62% no período, ante 5,81% nos doze meses terminados em março. No caso dos preços monitorados, altas respectivas de 4,54% e 4,48%.

A economia nordestina, embora registre moderação no primeiro trimestre, em parte influenciada pelos efeitos de condições climáticas adversas sobre a produção agrícola, tende a registrar dinamismo mais acentuado do que o observado no âmbito nacional ao longo do segundo semestre. Essa perspectiva mostra-se consistente com o ritmo de expansão do emprego e dos rendimentos reais, com os investimentos públicos e privados em execução ou programados e com o desempenho favorável da atividade varejista, em cenário de manutenção dos programas sociais de transferência de renda do governo federal, que impactam de modo importante a atividade na região.

Bahia

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia

Dados dessazonalizados
2002 = 100

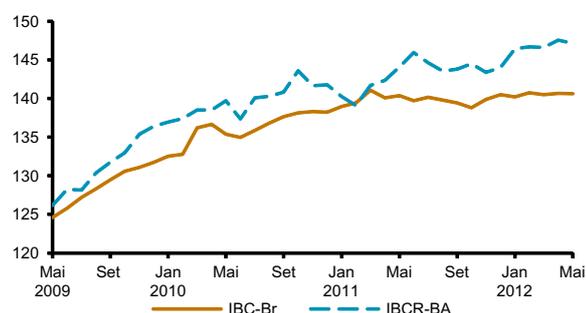


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.8 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011		2012	
	Nov ^{1/}	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-1,2	4,4	3,1	7,7
Combustíveis e lubrificantes	-1,2	3,9	6,8	9,3
Hiper, supermercados	-0,1	2,3	2,5	5,0
Tecidos, vestuário e calçados	-1,8	2,2	3,2	6,4
Móveis e eletrodomésticos	-2,6	10,2	-2,0	13,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	0,6	0,0	3,0	-0,9
Comércio ampliado	-0,8	5,4	2,1	5,1
Automóveis e motocicletas	-1,2	9,4	-2,2	-1,3
Material de construção	-1,7	4,2	4,1	3,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O Produto Interno Bruto (PIB) do estado registrou crescimento de 4,8% no primeiro trimestre de 2012, em relação ao mesmo período de 2011, e expansão de 1,7%, em relação ao trimestre anterior na série com ajuste sazonal, de acordo com estimativas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). O desempenho da economia baiana, na comparação interanual, refletiu o crescimento do setor secundário, 4,7%, favorecido pelo dinamismo da construção civil, 8,9%, e da indústria de transformação, 6,1%; do setor de serviços, 4,1%, com destaque para o comércio, 4,6%; e da agropecuária, 2,6%, refletindo resultados favoráveis nas lavouras milho e café, apesar da seca que atingiu 57% dos municípios do estado. Dados mais recentes sinalizam continuidade do crescimento, embora com tendência de moderação. Nesse sentido, o IBCR-BA cresceu 1% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando se elevava 1,3%, considerados dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista cresceram 3,1% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando haviam aumentado 4,4%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacou-se a expansão nas vendas de combustíveis e lubrificantes, 6,8%, contrastando com o recuo de 2% nas relativas a móveis e eletrodomésticos, único segmento com resultado negativo no período. O comércio ampliado, incluídas a elevação de 4,1% nas vendas de material de construção e a retração de 2,2% nas de veículos, motocicletas, partes e peças, cresceu 2,1% no trimestre.

A análise em doze meses revela expansão de 7,7% do comércio varejista em maio, 0,4 p.p. acima do indicador nacional. Seis dos oito segmentos pesquisados assinalaram variações positivas, com destaque para os aumentos de 13,2% e de 9,3% nas vendas de móveis e eletrodomésticos e de combustíveis e lubrificantes, respectivamente. Na mesma base de comparação, o comércio ampliado, incorporando a elevação de 3,8% nas vendas de material de construção e o recuo de 1,3% nas de veículos, motos, partes e peças, registrou alta de 5,1%.

A produção industrial cresceu 1,9% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando havia recuado 1,1%, no mesmo tipo de comparação, conforme dados com ajuste sazonal da PIM-PF do IBGE. O desempenho trimestral positivo foi influenciado pelas expansões de 4,5% do segmento produtos químicos, principal

atividade industrial do estado, e de 4,3% da produção de celulose e papel. Em sentido oposto, ocorreram recuos em quatro das atividades pesquisadas, com ênfase nos relativos à metalurgia básica, 9,3%, e a alimentos e bebidas, 3,2%.

Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

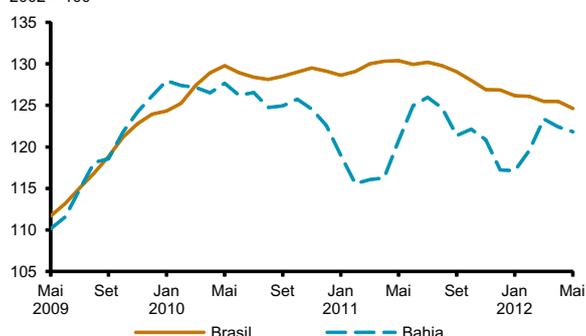


Tabela 2.9 – Produção industrial – Bahia
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2012		Acumulado em 12 meses
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	
Indústria geral	100,0	-1,1	1,9	0,3
Indústria extrativa	5,4	2,7	-0,1	-5,1
Indústria de transformação	94,6	-0,4	1,6	0,6
Produtos químicos	26,2	-7,8	4,5	9,8
Ref. petróleo e prod. álcool	24,1	3,5	-0,4	-9,2
Alimentos e bebidas	16,0	3,5	-3,2	6,1
Celulose e papel	11,8	-6,8	4,3	1,0
Metalurgia básica	8,1	0,3	-9,3	-10,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

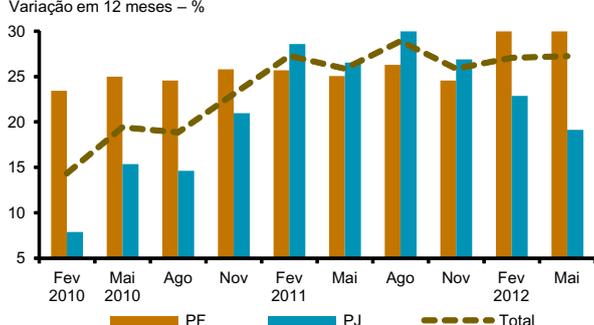
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Considerados intervalos de doze meses, a indústria baiana avançou 0,3% em maio, em relação a igual período de 2011, ante contração de 0,5% em fevereiro, resultado do crescimento de 0,6% da indústria de transformação e da retração de 5,1% na indústria extrativa. Destacaram-se, no período, as expansões assinaladas nos segmentos produtos químicos, 9,8%, e alimentos e bebidas, 6,1%, contrastando com as reduções de 10,5% na metalurgia básica e de 9,2% no refino de petróleo e produção de álcool.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), divulgado pela SEI, registrou 128,2 pontos no trimestre encerrado em maio, com queda de 4,6 p.p. em relação à média do trimestre finalizado em fevereiro, permanecendo na região de otimismo.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia somou R\$73,5 bilhões em maio, elevando-se 7% no trimestre e 27,2% em doze meses. A carteira do segmento de pessoas físicas totalizou R\$34,9 bilhões, registrando variações respectivas de 10,3% e de 37,6% nas bases de comparação mencionadas, com destaque para as operações de crédito consignado, financiamentos habitacionais e de veículos. O saldo das operações no segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$38,6 bilhões, expandindo-se 4,1% no trimestre e 19,1% em doze meses, ressaltando-se, no trimestre, o dinamismo das contratações nos setores de papel e papelão, comércio atacadista e construção.

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

A inadimplência relacionada às operações de crédito no estado atingiu 4,4% em maio, ante 4,6% em fevereiro, evolução decorrente da estabilidade da inadimplência em 6,1% no segmento de pessoas físicas e redução de 0,3 p.p. no de pessoas jurídicas, situando-se em 3%.

A produção de grãos da Bahia deverá totalizar 7,5 milhões de toneladas em 2012, de acordo com o LSPA de junho. Essa estimativa representa redução 2% relativamente à safra de 2011, refletindo, principalmente, as condições climáticas adversas. A estimativa considera retrações para as culturas de feijão, 41,8%, e de soja, 1,9%. Para a cultura de milho estima-se aumento da produção de 5,3%, com aumento de 30,5% no rendimento médio, em virtude dos investimentos realizados. Em relação às demais lavouras, são

Tabela 2.10 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2011	2012 ^{2/}	
Grãos				
Soja	15,6	3 513	3 447	-1,9
Algodão herbáceo	9,0	1 575	1 601	1,6
Milho	7,4	2 052	2 161	5,3
Feijão	5,4	223	130	-41,8
Outros grãos ^{3/}	1,2	296	164	-44,4
Outras lavouras				
Cacau	7,4	156	141	-10,0
Banana	5,8	1 221	1 086	-11,1
Café	5,3	152	165	8,9
Mandioca	5,3	2 977	3 069	3,1
Cana-de-açúcar	3,5	6 981	6 913	-1,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Segundo o LSPA de junho de 2012.

3/ Amendoim, arroz, mamona, sorgo.

Tabela 2.11 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	4 906	5 135	4,7	-0,9
Básicos	813	1 146	40,9	-0,6
Industrializados	4 093	3 989	-2,5	-1,7
Semimanufaturados	1 563	1 290	-17,5	-5,8
Manufaturados ^{1/}	2 530	2 699	6,7	-0,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.12 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	3 671	3 953	7,7	4,6
Bens de capital	480	496	3,2	5,6
Matérias-primas	2 465	2 639	7,0	0,4
Bens de consumo	563	682	21,1	5,0
Duráveis	520	634	22,1	-0,4
Não duráveis	44	47	8,9	13,1
Combustíveis e lubrificantes	162	137	-15,5	14,6

Fonte: MDIC/Secex

projetadas elevações nas produções de café e de mandioca, 8,9% e 3,1%, respectivamente, contrastando com recuos nas de banana, 11,1%, e de cacau, 10%.

A balança comercial assinalou superávit de US\$1,2 bilhão nos seis primeiros meses do ano, resultado 4,4% inferior ao registrado em igual período de 2011. As exportações totalizaram US\$5,1 bilhões, e as importações, US\$4 bilhões, elevando-se 4,7% e 7,7%, respectivamente.

A evolução das vendas externas decorreu de variações de -1,3% nos preços e de 6,1% no *quantum*, e refletiu comportamentos distintos de produtos básicos e industrializados. A exportação de produtos básicos cresceu 40,9%, com destaque para os aumentos nas vendas de soja, 56,6% e de algodão, 304,1%. Esse desempenho foi, em parte, mitigado pela redução de 2,5% nos embarques de produtos industrializados, segmento que responde por 77,7% da pauta. EUA, Argentina e Antilhas Holandesas absorveram 37,3% das exportações baianas.

O aumento observado nas importações refletiu variações de -0,3% nos preços e de 8% no *quantum*. À exceção de combustíveis e lubrificantes, cujas compras recuaram 15,5% no período, houve avanço nas compras das demais categorias de uso. As aquisições de bens de consumo elevaram-se 21,1%, sensibilizadas pelas de automóveis de passageiros, crescimento de 23,8%; enquanto as de matérias-primas e produtos intermediários, que responderam por 66,8% da pauta, cresceram 7%. Argentina, Argélia e EUA foram os mercados de origem de 33,2% das aquisições baianas.

A economia do estado criou 13,2 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio, acumulando 18,4 mil vagas líquidas no ano, que representam reduções de 47,5% e 48,4%, em relação aos períodos correspondentes de 2011, de acordo com dados do Caged do MTE. Do total das vagas criadas no trimestre, 5,4 mil ocorreram na agricultura e 3,6 mil na construção civil.

Na margem, considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal na Bahia cresceu 0,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro.

A taxa de desemprego na Região Metropolitana de Salvador (RMS) situou-se em 8,1% no trimestre finalizado em maio, ante 7,9% no trimestre anterior e 10,4% no trimestre encerrado em maio de 2011, de acordo com a Pesquisa

Tabela 2.13 – Evolução do emprego formal – Bahia

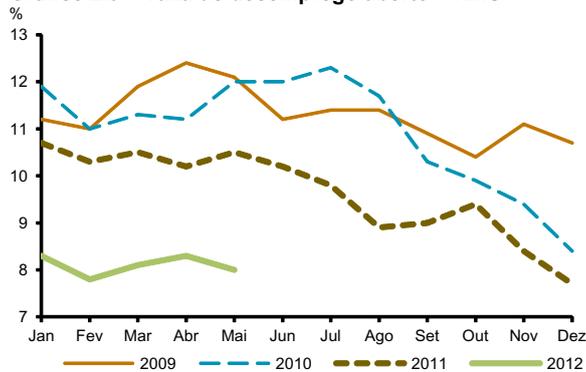
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011			2012	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	25,1	20,9	6,7	-9,8	13,2
Indústria de transformação	2,9	4,8	-0,5	-4,2	1,8
Comércio	0,8	2,4	6,3	-1,5	-0,2
Serviços	6,8	8,7	7,3	3,5	2,5
Construção civil	6,8	-1,5	1,3	-5,3	3,6
Agropecuária	7,1	5,4	-7,9	-2,3	5,4
Serviço industrial de utilidade pública	0,2	0,8	-0,1	-0,1	-0,4
Outros ^{2/}	0,5	0,3	0,4	0,2	0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS

Fonte: IBGE

Tabela 2.14 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2011		2012	
		III Trí	IV Trí	I Trí	II Trí
IPCA	100,0	1,44	1,70	1,03	1,28
Livres	77,0	1,29	2,17	1,17	0,85
Comercializáveis	37,3	1,06	1,98	-0,84	0,06
Não comercializáveis	39,6	1,53	2,35	3,17	1,61
Monitorados	23,0	1,77	0,64	0,54	2,74
Principais itens					
Alimentação	25,5	0,74	3,67	0,79	2,98
Habitação	14,6	1,87	0,84	2,08	2,96
Artigos de residência	4,8	0,91	1,16	-0,10	-1,40
Vestuário	7,2	2,44	2,49	-0,91	-0,42
Transportes	20,8	2,02	0,42	0,03	-0,64
Saúde	10,2	0,82	0,74	1,65	2,25
Despesas pessoais	8,2	3,38	2,29	2,72	1,59
Educação	4,2	0,21	0,23	5,55	0,12
Comunicação	4,6	0,09	0,90	-0,16	-0,48

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2012.

Mensal de Emprego (PME) do IBGE. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego recuou 0,2 p.p. em relação ao trimestre encerrado em fevereiro, resultado de variações de 1,8% na População Economicamente Ativa (PEA) e de 2,1% na população ocupada. Os rendimentos médios habituais reais elevaram-se 11% no trimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior, e 9,5% em doze meses.

A inflação da RMS, medida pelo IPCA, atingiu 1,28% no trimestre encerrado em junho, ante 1,03% naquele finalizado em março, resultado da desaceleração nos preços livres, de 1,17% para 0,85%, e aceleração nos preços monitorados, de 0,54% para 2,74%, essa evidenciando, principalmente, os aumentos nas tarifas de energia elétrica residencial, 2,97%; de ônibus urbano, 9,60%; de ônibus intermunicipal, 6,10%; e nos preços dos produtos farmacêuticos, 2,76%. A evolução dos preços livres traduziu o arrefecimento na variação dos preços dos bens e serviços não comercializáveis, de 3,17% para 1,61%, influenciados, particularmente, pelas reduções de itens da alimentação *in natura*. Os preços dos itens comercializáveis apresentaram relativa estabilidade no trimestre, 0,06%, influenciados pela redução do preço de automóveis novos, contrapondo-se a altas advindas, sobretudo, do segmento alimentício. O índice de difusão atingiu 58,7% no trimestre finalizado em junho, ante 57,1% naquele encerrado em março, evidenciando maior disseminação na elevação de preços na RMS.

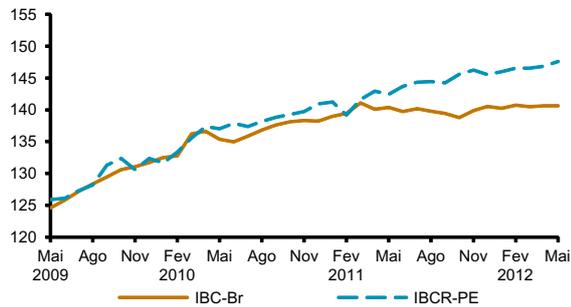
Considerado o período de doze meses, o IPCA variou 5,56% em junho, ante 5,51% em março. Essa relativa estabilidade na taxa de inflação refletiu a desaceleração dos preços livres, de 5,80% para 5,59%, e aceleração dos monitorados, de 4,66% para 5,80%, no período.

A atividade econômica do estado, apesar da desaceleração da economia nacional, das incertezas no ambiente externo e do fraco desempenho agrícola em decorrência das condições climáticas, permaneceu apresentando resultados positivos ao longo do primeiro semestre do ano. O dinamismo das vendas no comércio varejista, favorecido pelo vigor no mercado de trabalho e pelo aumento do crédito, e o desempenho positivo da construção civil sustentaram o ritmo de crescimento da economia baiana. Para os próximos trimestres, há expectativa de ritmo mais intenso da atividade como reflexos do processo de estímulos de política econômica e de inversões, em especial do setor público, relacionados à infraestrutura.

Pernambuco

Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco (IBCR-PE)

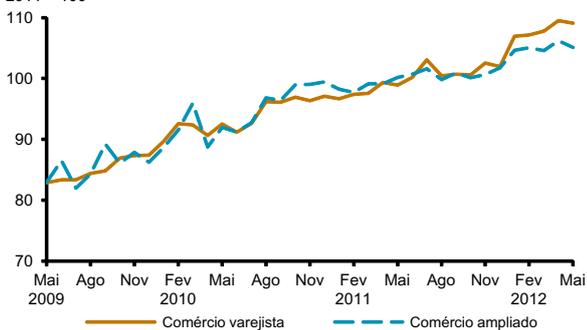
Dados dessazonalizados
2002 = 100



A economia pernambucana apresentou crescimento de 1,5% no primeiro trimestre de 2012, em relação ao trimestre anterior, após ajuste sazonal dos dados, conforme estimativa realizada pela Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem). Dentre os setores, a agropecuária retraiu-se 6,6%, em função da seca na região, sendo mais que compensada pelo crescimento de 3,6% no setor industrial, impulsionado pela construção civil, enquanto o setor de serviços registrou expansão 1,2%. O IBCR-PE indica continuidade do crescimento econômico no segundo trimestre, em ritmo moderado. Considerando o trimestre encerrado em maio, observou-se expansão de 0,6% no indicador, em relação ao trimestre terminado em fevereiro, quando havia crescido 0,4%, ainda em termos dessazonalizados.

Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.22 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011 Nov1/	2012 Fev ^{1/}	2012 Mai ^{1/}	2012 12 meses
Comércio varejista	0,1	4,0	3,3	8,3
Combustíveis e lubrificantes	2,7	-0,2	2,9	11,9
Hiper e supermercados	-1,5	2,9	3,3	2,1
Tecidos, vestuário e calçados	-2,7	8,6	-0,6	5,8
Móveis e eletrodomésticos	1,2	11,0	0,0	20,0
Comércio ampliado	-0,1	3,2	1,4	5,4
Automóveis e motocicletas	-1,8	1,9	-3,6	-1,9
Material de construção	4,8	3,9	6,5	15,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O volume de vendas no varejo registrou expansão de 3,3% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando havia aumentado 4%, na série com ajuste sazonal da PMC do IBGE. A manutenção de ritmo elevado de crescimento foi determinada pelas elevações de 3,3% em hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, e de 2,9% em combustíveis e lubrificantes. Agregando-se as variações de -3,6% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de 6,5% nas relativas a materiais de construção, o comércio ampliado apresentou alta de 1,4%, em relação ao trimestre anterior, quando crescera 3,2%.

No período de doze meses terminado em maio, o comércio varejista apresentou crescimento de 8,3%, destacando-se o dinamismo dos segmentos móveis e eletrodomésticos e combustíveis e lubrificantes, que cresceram 20% e 11,9%, respectivamente. O comércio ampliado apresentou menor variação, 5,4%, influenciado pela retração de 1,9% na venda de veículos, apesar do desempenho no segmento de materiais de construção, alta de 15,8%.

A produção industrial do estado reduziu-se 1,7% no trimestre finalizado em maio, após a queda de 1% no trimestre terminado em fevereiro, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Dos onze setores de atividade, seis registraram resultados negativos, com ênfase nos segmentos de produtos de metal, 25,8%; metalurgia básica, 6%; e química, 3,6%.

Considerados períodos de doze meses, a indústria do estado cresceu 3,6% em maio, em relação ao intervalo

Tabela 2.23 – Produção industrial – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2012		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	-1,0	-1,7	3,6
Alimentação e bebidas	36,7	-5,0	0,8	-0,4
Química	14,7	-7,6	-3,6	9,3
Metalurgia básica	13,8	5,8	-6,0	10,0
Minerais não metálicos	8,0	4,4	-2,2	7,5
Produtos de metal	7,3	9,1	-25,8	8,3
Borracha e plástico	6,3	6,3	1,1	1,3

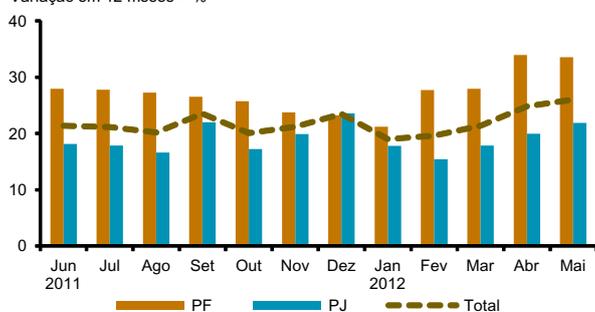
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.24 – Produção agrícola – Pernambuco

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2011	2012 ^{1/}	
Grãos				
Feijão	4,3	107	49	-54,5
Milho	1,0	124	27	-78,3
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	44,3	17 517	17 062	-2,6
Uva	18,8	209	225	7,7
Banana	7,2	487	558	14,7
Mandioca	4,5	514	360	-30,0
Tomate	3,7	115	106	-7,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2012.

correspondente de 2011, impulsionada pela metalurgia básica, 10%, química, 9,3% e produtos de metal, 8,3%. Vale ressaltar a contração de 7,3% no nível médio de utilização da capacidade instalada nesses períodos, de acordo com dados divulgados pela Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), determinada principalmente pela retração de 13,5% na indústria de alimentos e bebidas.

As operações de crédito realizadas no estado, superiores a R\$1 mil, alcançaram R\$59,6 bilhões em maio, com altas de 7,8% no trimestre e de 26% em doze meses. As operações relativas ao segmento de pessoas físicas totalizaram R\$22,2 bilhões, aumentando 10,1% no trimestre e 33,6% em doze meses, destacando-se a elevação trimestral de 55,3% na modalidade crédito consignado. As operações contratadas no segmento de pessoas jurídicas atingiram R\$37,4 bilhões, expandindo-se 6,5% no trimestre e 21,9% em doze meses, sobressaindo-se as operações contratadas nos setores de refino de petróleo, coque e álcool e da indústria química.

A taxa de inadimplência nas operações de crédito em maio, 3,3%, permaneceu estável relativamente à de fevereiro, tanto no segmento de pessoas jurídicas, 1,5%, quanto no de pessoas físicas, 6,3%.

A estiagem que atingiu todo estado afetou as atividades agropecuárias de modo distinto. As culturas permanentes da uva e da banana, em grande parte irrigadas, devem apresentar crescimentos de 7,7% e 14,7%, de acordo com o LSPA de junho. Para as demais culturas, estimam-se retrações de 63% para grãos; 30% para mandioca; 7,9% para tomate; e 2,6% para cana-de-açúcar.

A balança comercial do estado apresentou déficit de US\$2,3 bilhões no primeiro semestre do ano, ante déficit de US\$1,7 bilhão no mesmo período de 2011, conforme dados do MDIC. No período, as exportações atingiram US\$820,6 milhões, alta de 75,8%, enquanto as importações totalizaram US\$3,1 bilhões, aumento de 43%.

A expansão das exportações refletiu variações de 76,1% do *quantum* e de -0,1% nos preços. O aumento de 115,6% nas vendas de produtos manufaturados, condicionado pela exportação de plataforma no valor de US\$404,9 milhões, determinou o desempenho positivo das exportações do estado no período. Holanda, país importador da plataforma, Argentina e Estados Unidos, em ordem de importância, representaram, em conjunto, 61,1% dos destinos dos produtos do estado no semestre.

Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	467	821	75,8	-0,9
Básicos	20	24	20,8	-0,6
Industrializados	447	797	78,3	-1,7
Semimanufaturados	165	146	-11,9	-5,8
Manufaturados ^{1/}	282	651	131,2	-0,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	2 192	3 136	43,0	4,6
Bens de capital	477	468	-1,8	13,1
Matérias-primas	1 070	948	-11,4	-0,4
Bens de consumo	275	294	7,0	5,6
Duráveis	142	145	1,7	0,4
Não duráveis	133	150	12,5	5,0
Combustíveis e lubrificantes	370	1 426	285,1	14,6

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

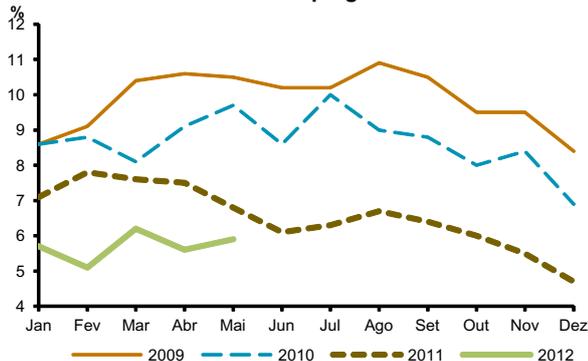
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011			2012	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	0,7	38,0	40,3	-7,5	-5,6
Indústria de transformação	-14,8	12,7	19,2	-9,2	-18,0
Comércio	2,1	3,0	7,5	-1,8	1,9
Serviços	7,9	6,5	13,0	7,2	6,6
Construção civil	3,5	6,5	6,1	2,3	4,5
Agropecuária	1,1	8,8	-5,4	-6,1	-0,6
Serv. ind. de util. pública	0,9	0,4	0,1	0,1	0,1
Outros ^{2/}	0,0	0,1	-0,1	0,0	-0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

O crescimento das importações foi determinado pelas variações de 44,2% do *quantum* e de -0,8% nos preços. Esse resultado repercutiu, principalmente, a elevação de 285,1% nas compras de combustíveis e lubrificantes, compensada, em parte, pela redução de 11,4% nas aquisições de matérias-primas. As importações provenientes de EUA, Holanda, China, Argentina e México, em ordem de importância, foram responsáveis por 56,1% das importações do estado no semestre.

A economia do estado eliminou 5,6 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio, de acordo com o Caged do MTE, ante a geração de 0,7 mil em igual período de 2011. No período, houve redução de 18 mil postos na indústria de transformação e, em sentido contrário, criações de 6,6 mil e 4,5 mil empregos nos setores de serviços e construção civil. O nível de emprego formal cresceu 2,1% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando recuara 0,9%, considerados dados com ajuste sazonal.

De acordo com dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, a taxa média de desemprego na Região Metropolitana do Recife (RMR) alcançou 5,9% no trimestre encerrado em maio, ante 7,4% em igual período do ano anterior, reflexo de aumentos de 3,3% na população ocupada e de 1,7% da PEA. Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos pelas pessoas ocupadas aumentaram 7,2%, em comparação a 5,6% observados para a média das capitais abrangidas pela pesquisa. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revela que a taxa de desemprego aumentou 0,1 p.p. em relação ao trimestre finalizado em fevereiro.

O IPCA da RMR variou 1,35% no trimestre finalizado em junho, ante 1,76% no encerrado em março, acompanhando a desaceleração tanto dos preços livres, de 1,59% para 1,24%, quanto dos monitorados, de 2,35% para 1,67%. No âmbito dos preços livres, os preços dos bens comercializáveis desaceleraram de 0,90% para 0,52%, com destaque para as reduções de 7,36% nos preços de automóveis novos, consequência das desonerações tributárias para o setor, e de 2,44% em móveis e utensílios, e, em sentido contrário, para a alta de 20,40% no preço dos cigarros. A inflação dos produtos não comercializáveis também apresentou redução, 2,03% ante 3,11%, com ênfase para a queda de 14,44% no preço das passagens aéreas. Para os itens monitorados, as maiores contribuições foram os recuos de 2,49% no gás de botijão e de 2,38% nas tarifas de ônibus intermunicipal. O índice de difusão, registrando

Tabela 2.28 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2011		2012	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	0,65	1,45	1,76	1,35
Livres	72,7	0,59	1,85	1,59	1,24
Comercializáveis	38,9	1,01	1,50	0,90	0,52
Não comercializáveis	33,8	0,11	0,30	3,11	2,03
Monitorados	27,3	0,81	0,61	2,35	1,67
Principais itens					
Alimentação	24,9	-0,07	2,70	1,26	2,43
Habitação	13,6	1,77	0,43	2,71	2,32
Artigos de residência	5,5	0,60	0,46	-0,81	-1,34
Vestuário	8,2	3,04	2,32	-0,78	1,29
Transportes	16,4	0,44	0,20	1,92	-0,84
Saúde	12,7	0,76	1,63	1,16	1,74
Despesas pessoais	9,4	0,13	2,34	4,10	2,65
Educação	4,8	0,37	0,03	8,26	0,21
Comunicação	4,5	-0,11	-0,09	-0,61	1,12

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a março de 2012.

maior disseminação dos reajustes de preços na RMR, avançou 1,30 p.p. no trimestre, atingindo 75,69%.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA da RMR variou 5,29% em junho, ante 5,59% em março. Os preços livres cresceram 5,23%, refletindo, principalmente, alimentação fora do domicílio, 10,46%, e empregados domésticos 15,77%; enquanto os preços monitorados elevaram-se 5,78%, destacando-se os planos de saúde, 7,71%, energia elétrica residencial, 6,24%, e tarifas de ônibus urbanos, 7,52%.

Os indicadores econômicos relativos à economia pernambucana revelam moderação da atividade econômica no curto prazo, acompanhando a conjuntura nacional que repercutiu, sobretudo, os efeitos do ambiente de incertezas no cenário internacional e a desaceleração da atividade global. A continuidade do crescimento econômico no estado tem sido sustentada, especialmente, pelo consumo das famílias, com alta acima do observado no restante do país, como apontam os resultados do comércio varejista, consistentes com o comportamento dos rendimentos do trabalho e do crédito às pessoas físicas.

Ceará

Gráfico 2.10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

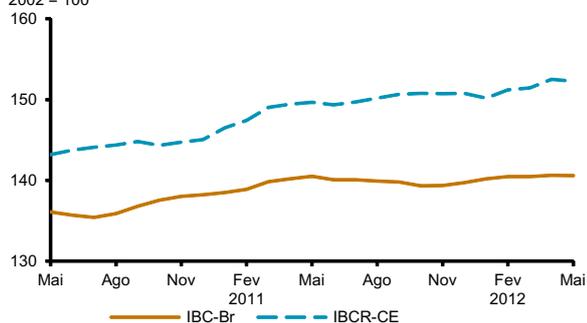
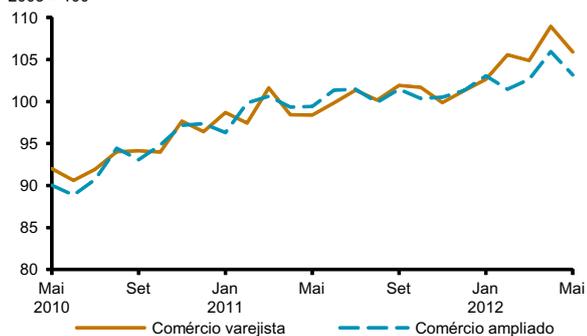


Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.15 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011		2012	
	Fev ^{1/}	Maio ^{1/}	12 meses	
Comércio varejista	8,0	2,0	3,3	7,2
Combustíveis e lubrificantes	-1,4	8,9	4,4	8,0
Hiper e supermercados	7,2	1,0	4,2	4,7
Móveis e eletrodomésticos	15,6	8,8	6,3	16,8
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	16,8	-14,8	-15,9	8,0
Comércio ampliado	8,6	1,1	2,0	6,4
Automóveis e motocicletas	10,6	1,3	-5,4	4,1
Material de construção	2,2	-0,3	13,8	8,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica do Ceará seguiu em expansão no início deste ano, segundo estimativas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece) que indicaram, após dessazonalização, crescimento de 1% do PIB estadual no primeiro trimestre, em relação ao trimestre encerrado em dezembro de 2011. O setor serviços, representando cerca de 70% da economia local, cresceu 1,6%; o segmento industrial expandiu-se 0,8% e o agropecuário, prejudicada pela estiagem, registrou decréscimo de 6%. Dados mais recentes confirmam a continuidade da expansão da atividade, com crescimento de 0,7% do IBCR-CE no trimestre encerrado em maio, comparativamente ao terminado em fevereiro, quando se elevava 0,3% ante o finalizado em novembro de 2011. As informações relativas aos indicadores de comércio, indústria e emprego corroboram essa tendência.

As vendas do comércio varejista no estado cresceram 3,3% no trimestre encerrado em maio, ante o finalizado em fevereiro, quando haviam aumentado 2%, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Registraram-se, no período, aumentos nas vendas em seis dos oito segmentos, com destaque para móveis e eletrodomésticos, 6,3%, e combustíveis e lubrificantes, 4,4%. Incorporadas as vendas de veículos, motos, partes e peças, que registraram decréscimo de 5,4% no trimestre, e de material de construção, com elevação de 13,8%, o comércio ampliado apresentou expansão de 2% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas cresceram 7,2% até maio, em relação a igual intervalo de 2011, com ênfase nos aumentos verificados nas vendas dos segmentos móveis e eletrodomésticos, 16,8%, e de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 15,5%. A expansão de 6,4% do comércio ampliado, em doze meses, incorpora elevações de 4,1% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de 8,9% nas de material de construção.

A produção industrial cearense, segundo dados da PIM-PF do IBGE, elevou-se 1,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando havia registrado contração de 1,2%. Verificaram-se aumentos em sete das dez atividades pesquisadas, destacando-se os relativos à produção de minerais não metálicos, 31,2%, de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, 16,1%, e os relativos ao refino de petróleo e álcool, 6%.

Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

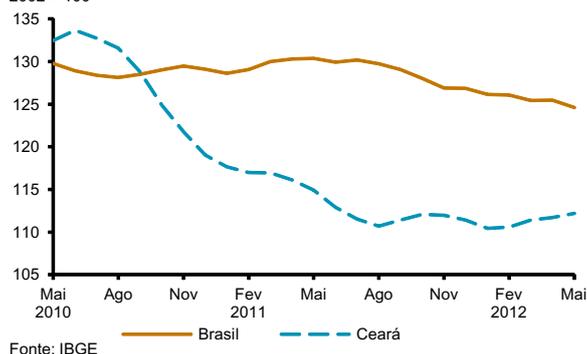


Tabela 2.16 – Produção industrial – Ceará

Geral e setores selecionados

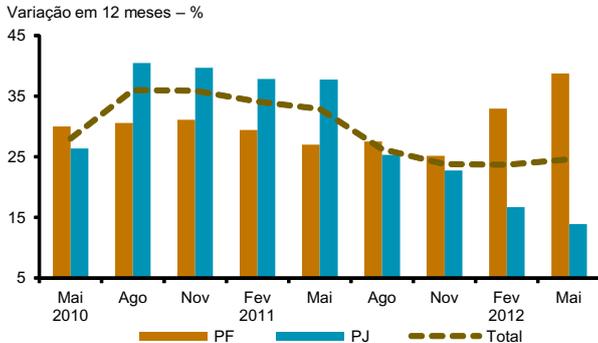
Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,2	1,4	-7,9
Alimentação e bebidas	34,3	-7,7	0,4	0,2
Têxtil	18,9	5,7	-2,7	-25,6
Calçados e artigos de couro	14,4	8,3	2,0	-14,3
Química	11,7	-3,8	0,9	6,3
Vestuário e acessórios	4,8	-5,2	-1,0	-10,9
Minerais não metálicos	4,8	-19,6	31,2	2,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

A análise em doze meses revela que a produção industrial do estado recuou 7,9% em maio, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante declínio de 11,5% até fevereiro, ressaltando-se as retrações assinaladas nos segmentos de produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos, 30,4%; indústria têxtil, 25,6%; e máquinas, aparelhos e materiais elétricos, 21%.

O faturamento real da indústria de transformação, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi), da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), cresceu 0,1% no período de doze meses encerrado em maio, em relação a igual intervalo de 2011, ante retração de 3,3% no acumulado até fevereiro. Na mesma base de comparação, ocorreram reduções na remuneração real, 1,6%, no pessoal empregado, 5,6%, e nas horas trabalhadas, 2,1%. O Nuci médio atingiu 85,1% em maio, ante 84,9% em fevereiro, e 85,8% em maio de 2011.

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$38 bilhões em maio, registrando expansão de 6,5% no trimestre e de 24,5% nos últimos doze meses. A carteira do segmento pessoas jurídicas totalizou R\$20 bilhões, registrando variações respectivas de 3,1% e 13,9% nas bases de comparação consideradas, destacando-se as contratações de operações destinadas aos setores de geração e transmissão de energia elétrica, à indústria de moda, ao comércio e à construção civil. O saldo de operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$18 bilhões, elevando-se 10,4% no trimestre e 38,7% em doze meses, com concentração nos recursos direcionados às modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e à aquisição de automóveis.

A inadimplência atingiu 4,5%, alta de 0,3 p.p. em relação à observada em fevereiro e de 1,1 p.p. em doze meses. A evolução trimestral decorreu de expansões de 0,2 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,1 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, com taxas situando-se, na ordem, em 6,3% e 2,9%.

A safra de grãos do estado está estimada em 245 mil toneladas, de acordo com o LSPA de junho, implicando queda de 81,1% em relação à safra do ano anterior. Ressalte-se que, apesar da ocorrência do fenômeno La Niña, indicativo de volume de chuvas dentro da normalidade, este ano se caracterizou pela seca na região. Dentre os principais produtos cultivados no Ceará, destaque para o recuo de 85,9% na produção de milho, com queda de 30,8% na área colhida. A produção de feijão deverá recuar 78,2%, com declínio de 24,3% na área de colheita

Tabela 2.17 – Produção agrícola – Ceará

Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas			
	Peso ^{1/} (%)	Produção ^{2/}		Var. % 2012/2011
		2011	2012	
Produção de grãos		1 299	245	-81,1
Feijão	13,59	264	58	-78,2
Milho	6,49	915	129	-85,9
Arroz (em casca)	2,55	93	50	-46,0
Outras lavouras selecionadas				
Banana	14,57	494	448	-9,3
Mandioca	8,30	837	603	-27,9
Castanha-de-caju	3,72	112	167	49,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2012.

Tabela 2.18 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	610	615	0,7	-0,9
Básicos	155	151	-2,2	-0,6
Industrializados	456	463	1,7	-1,2
Semimanufaturados	139	156	12,4	-5,8
Manufaturados ^{1/}	317	307	-3,1	0,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.19 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	939	1 150	22,4	4,5
Bens de capital	204	216	6,3	5,6
Matérias-primas	619	677	9,3	0,4
Bens de consumo	65	75	15,4	5,0
Duráveis	31	36	16,8	-0,4
Não duráveis	34	39	14,1	13,0
Combustíveis e lubrificantes	51	181	253,8	14,6

Fonte: MDIC/Secex

da leguminosa. Em relação às demais lavouras, estimam-se aumentos respectivos de 49,9% e de 11,4% para a produção de castanha de caju e de abacaxi. As produções de banana e de mandioca deverão diminuir 9,3% e 27,9%, respectivamente.

A balança comercial do estado acumulou déficit US\$535,1 milhões nos seis primeiros meses do ano, ante déficit de US\$328,8 milhões em igual período de 2011, de acordo com dados do MDIC. As exportações totalizaram US\$614,6 milhões e as importações, US\$1.149,6 milhões, expansões respectivas de 0,7% e de 22,4% no período.

O desempenho das exportações resultou de variações de 3,5% nos preços e de -2,7% no *quantum*. Dentre os produtos industrializados, houve expansão de 12,4% nas vendas de produtos semimanufaturados, com ênfase nos acréscimos nas exportações de ceras vegetais, 44,3%, e de couros e peles, 15,2%. A redução de 3,1% verificada nas vendas externas de manufaturados decorreu, em grande parte, do declínio de 8,5% em calçados e suas partes, principal produto da categoria. Em relação aos embarques de básicos, houve retração de 2,2% no período. Os principais destinos das exportações cearenses foram Estados Unidos, Holanda, Argentina, China e Itália, que adquiriram, em conjunto, 48,4% das vendas externas do estado.

A expansão das importações, resultante de elevações de 14,6% no *quantum* e de 6,8% nos preços, refletiu aumentos nas aquisições em todas as categorias de uso. As compras de combustíveis e lubrificantes cresceram 253,8%, ressaltando-se o incremento de 222,8% nos ingressos de gás natural liquefeito (GNL), oriundos do Catar, da Bélgica e da Nigéria. Ressaltem-se, ainda, os aumentos nas importações de bens de consumo, 15,4%, de bens intermediários, 9,3%, e de bens de capital, 6,3%, destacando-se, nessa categoria, as associadas à aquisição de eletrogeradores de energia eólica provenientes da Itália. As importações de mercadorias oriundas da China, das quais mais de 50% se referem a produtos laminados planos de ferro ou aço e a produtos manufaturados, da Argentina, da Itália, dos Estados Unidos e do Catar representaram, em conjunto, 54,6% das importações no semestre.

Segundo dados divulgados pelo Caged do MTE, foram gerados 1,4 mil empregos no mercado de trabalho formal do estado no trimestre encerrado em maio de 2012, ante a criação de 8,6 mil em igual período do ano anterior. Essa trajetória refletiu, em especial, o menor dinamismo verificado nos setores da indústria de transformação e da

construção civil, que eliminaram 3,2 mil postos de trabalho no período, ante a estabilidade do indicador no trimestre finalizado em maio de 2011.

Tabela 2.20 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011			2012	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	8,6	19,9	19,2	-5,6	1,4
Indústria de transformação	-0,9	2,7	2,6	-5,5	-1,2
Serv. ind. de utilidade pública	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0
Construção civil	1,0	3,8	1,8	-2,0	-2,0
Comércio	1,9	4,0	7,5	1,2	0,6
Serviços	6,7	6,3	5,3	4,2	4,4
Agropecuária	-0,3	2,9	1,8	-3,4	-0,6
Outros ^{2/}	0,2	0,2	0,1	0,0	0,2

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no Ceará cresceu 0,7% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, registrando-se aumentos em seis das oito atividades pesquisadas, com destaque para os relativos à agropecuária, 2%, e à atividade extrativa mineral, 1,8%.

A variação do IPCA na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), segundo dados do IBGE, atingiu 0,76%, no trimestre encerrado em junho, ante 1,03% no finalizado em março. O comportamento refletiu a aceleração, de 1,16% para 1,37%, dos preços livres e a redução de 1,52% nos preços monitorados, comparativamente à alta de 0,52% no trimestre anterior.

O movimento dos preços livres refletiu a variação de 0,71% nos preços dos itens comercializáveis, ante -0,07% no trimestre anterior, com ênfase nas elevações de 20,40% nos preços de cigarros, de 7,43% de óleos e gorduras e de 3,84% nos custos do etanol. Os preços dos itens não comercializáveis desaceleraram no período, de 2,78% para 2,23%, destacando-se a influência das reduções nos preços dos pescados, 6,98%, e de passagens aéreas, 5,98%, contrastando com os aumentos do feijão mulatinho, 27,93%; do feijão carioca, 24,19%; dos tubérculos, raízes e legumes, 17,13%; e dos serviços pessoais, 3,33%.

Tabela 2.21 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2011	2012		Ano
		Ano	I Tri	II Tri	
IPCA	100,0	6,46	1,03	0,76	1,80
Livres	78,6	7,27	1,16	1,37	-1,01
Comercializáveis	44,4	6,11	-0,07	0,71	0,64
Não comercializáveis	34,2	5,58	2,78	2,23	5,08
Monitorados	21,4	4,36	0,52	-1,52	2,55
Principais itens					
Alimentação	29,7	6,14	1,14	1,91	3,07
Habitação	13,9	3,69	0,96	-1,01	-0,05
Artigos de residência	4,8	1,70	-0,17	-1,97	-2,14
Vestuário	8,0	16,14	-2,06	1,99	-0,11
Transportes	16,9	4,48	1,47	-2,13	-0,69
Saúde	9,8	5,69	1,25	2,09	3,37
Despesas pessoais	8,6	10,33	0,97	4,68	5,70
Educação	4,3	8,90	7,42	1,16	8,67
Comunicação	4,0	1,28	-0,42	0,23	-0,20

Fonte: IBGE

^{1/} Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

Nos preços monitorados, a queda no período refletiu, especialmente, a retração de 11,07% nos preços da energia elétrica, em decorrência da revisão nas tarifas cobradas pela Companhia Energética do Ceará (Coelce), aprovada pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), além da queda de 4,12% nas passagens dos ônibus interestaduais. O índice de difusão do IPCA atingiu 57,1% no trimestre finalizado em junho, ante 55,5% no encerrado em março.

A economia cearense apresenta sinais de positivos, com retomada de crescimento do setor industrial e continuidade das vendas no comércio varejista. Para os próximos trimestres, a atividade tende a apresentar ritmo mais intenso, refletindo os incentivos de política econômica e a continuidade de execução de investimentos, seja de caráter privado ou público, particularmente, em obras de infraestrutura e no parque industrial.